

## **REFLEXÕES CRÍTICAS ACERCA DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FILOSOFIA**

Anna Mestriner Rodrigues

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Estágio. Ética.

A trajetória cumprida por mim e minha dupla, Rafael, foi antes de mais nada, didática e prazerosa. Mesmo que com a constância interrompida diversas vezes, pode-se dizer que o conjunto das aulas atingiu os objetivos. Entre os percalços, a relação incerta entre nós; a dupla, e as duas instituições que nos cercavam, a saber, a Universidade e a Escola. A tentativa de se ater à um conteúdo pré-determinado foi também um desafio, assim como outras coisas, que parecem consequência da má distinção feita entre o aluno estagiário e o professor. Nesse sentido, apesar de mais àspere, a experiência permite uma boa compreensão de como se dá o funcionamento real da escola, da rotina do professor e dos desafios diários. Os cargos são limitados pelo papel que devem cumprir e pela falta de tempo e interesse dos professores, que são cobrados apenas quanto ao registro e documentação. O colégio Leonor de Barros, no Itacorobi, parece se destacar de outros colégios estaduais na capital de Santa Catarina. Algumas dessas escolas apresentam condições de risco para prática de esportes e falta de segurança nas vizinhanças. O Leonor se destaca por ter uma boa estrutura, grande, amplo, novo. Tem muitas salas, apesar de, no início do ano, segundo uma ordem estadual, ter-se extinguido algumas salas de aula, aumentando o volume de alunos das restantes e desamparando o professor. O espaço de ação (e reflexão) do professor estagiário é pequeno e muitas vezes, confuso. Enquanto o estagiário é dotado pelo dever de preencher e cuidar assiduamente do diário de classe, documento oficial de registro de atividades, presenças e notas, é negado seu acesso às reuniões finais de pré-conselho e conselho de sala, apesar de ser o mesmo quem coordenará as atividades de recuperação e exame. Além de permitir a reflexão (será que esses papéis não deveriam ser reconfigurados? Porque o conselho não abre espaço para estagiários assistirem?), tal esquema, junto com as datas de entrega de boletim, permite um número absurdo de aulas canceladas. Nós, estagiários, ficamos em casa, mas a questão nem é essa. A questão é que professores estão lá, mas não estão dando aulas, sendo que o número de dias letivos não representa nem de perto os poucos dias de aula, esclarecendo-se que no funcionamento da instituição escolar, algumas coisas tem mais peso que outras, como a burocracia o tem sobre o ensino. O andamento da aula depende de uma relação muito íntima entre o professor e seu humor e a sala (que é o conjunto de alunos presentes) e o humor da sala frente à disciplina. Professor desanimado, aula desanimada. Professor animado e sala distraída, aula média, alto nível de dificuldade para o professor. Estando ambos em bom humor e disposição de vontade, há grandes chances de se sentir numa boa aula, e nesse momento, enquanto estagiária, percebi que o plano de aula pouco importa. Não que não importe, mas é pequeno perto do aqui e agora floreado que se constrói com o grupo de pessoas, de educandos. É necessário que haja vontade de saber, e isso incute ao professor a necessidade de fazer querer saber, de despertar interesse. O

evento que causou tal reflexão foi a última sequência de aulas, as duas que iniciaram o segundo bimestre, e que deram início ao tema “ética e filosofia moral”, saltando pouco mais de vinte capítulos do tema passado (“pré-socráticos”). A primeira dessas últimas aulas, no dia 25 de outubro, foi um início preocupado com a teoria e não tanto com a reação dos alunos. Com o plano de aula nas mãos, e cercada por um número anormal de pessoas, tentei introduzir o que é ética, e problematizei coisas como, “existe algo bom que todas as pessoas devam fazer?”, “o bom é universal”?, mas me senti pessoalmente atingida por uma das meninas que normalmente mais participa alegremente, e que neste dia, ficou silenciosa e com as sobrancelhas envergadas, como quem entende mas não concorda. O tom da aula foi inseguro, apesar de consolidar a importância teórica de conceitos como ética e moral, bom e mau, certo e errado, e tentar mostrar algumas situações em que tais reflexões existem. Tais situações muitas vezes eram direcionadas ao agir pessoal de cada um na tomada de decisões problemática, e ouvi algumas frases como “mas dá vergonha ajudar”. Tomada pelo quadro que se formou, hesitei em tornar este o tema do ensaio, pautando a vergonha humana (em obras de autores como Sartre) ,não fosse o andamento da aula que se seguiu. A diferença talvez seja no enfoque para o caso apresentado, que tratava de um dever social (onde a vergonha estaria em não ajudar). A chamada democrática, e a discussão acerca do que é moral e do que é legal (direitos e deveres), manteve o grupo atento. Realçando também que essa aula tinha quase metade dos últimos presentes, e apenas mulheres. O caso foi apresentado cautelosamente, e uma das maiores conquistas da aula foi ver a educanda S., que havia discordado tanto na última aula, e tentado argumentar que nenhum modo de agir deva ser universalizado, mudar firmemente de opinião, e defender que todos deveriam (na situação do exemplo), ter feito algo. Coube o trabalho de fazê-la refletir, lembrando a sala da discussão da última aula e questionando novamente: há o certo a se fazer? Tendo dessa vez, ajudado a perceber que sim, em algumas situações, há o certo a se fazer (e nestes, ele é universal). No ensaio, assim como o realce à importância dessa questão teórica da universalidade do correto/bom, há uma tentativa de investigar a reação do grupo de alunos à introdução e posterior evolução, mesmo tal trajeto tendo se realizado apenas duas aulas.